

Observação da Narrativa Escrita de Sujeitos Surdos

Karoline B. de Lima*, Ivani R. Silva.

Resumo

O reconhecimento da comunidade surda vem aumentando cada dia mais, e com isso, aumenta também a inserção das crianças surdas nas escolas, principalmente nas regulares. Devido à grande ausência de atenção especial à esses sujeitos, como a falta de intérprete de Libras nas salas de aula, eles apresentam dificuldade no processo de aprendizagem, uma vez que a língua de ensino das escolas é o Português (oral e escrito) e a língua materna dos surdos é a Libras. Ao confrontar essas duas línguas, nota-se diferença não só da forma de expressão (verbal e visual, respectivamente) mas também de toda gramática e estruturação. Decorrente disto, este estudo visou observar a maneira que sujeitos surdos do Ensino Médio iniciam, estruturam e desenvolvem suas histórias.

Palavras-chave:

Sujeitos surdos, Narrativas escritas, Ensino médio.

Introdução

A Língua Brasileira de Sinais – Libras, é considerada por muitos autores a língua materna do sujeito surdo por ser mais acessível e por eles apresentarem maior domínio. O Decreto 5696¹, que regulamentou a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Libras, reconheceu-a como direito na educação escolar dos sujeitos surdos, subjugando a necessidade de intérpretes e tradutores nas salas de aula.

Com isso, as escolas tem diante de si uma nova perspectiva de lidar com suas questões educacionais, porém surgem dúvidas em relação a como proceder com o ensino dos diversos conteúdos escolares aos sujeitos surdos, uma vez que são bilíngues e sua língua materna (Libras) distingue da língua tomada como base para o ensino (Português).

Se faz necessário então, acompanhar quais as principais dificuldades encontradas pelos sujeitos surdos nas escolas, para auxiliar no aprimoramento de técnicas e estratégias utilizadas para o ensino dos mesmos, considerando o Português com segunda língua.

As produções textuais possibilitam um interessante conteúdo para análise, pois abrange o pensamento e a lógica além da escrita. Geralmente, as narrativas são muito utilizadas nas escolas. Com isso, este estudo visou observar a maneira como o aluno surdo narra na forma escrita, verificando itens como a estruturação da história, utilização das regras gramaticais e diferença entre sujeitos oralizados e não-oralizados.

Resultados e Discussão

Fizeram parte desta pesquisa dois sujeitos surdos estudantes do Ensino Médio (EM), sendo um com preferência comunicativa pela língua oral (S1) e outro com preferência comunicativa pela língua de sinais (S2).

Na estruturação da narrativa observou-se que ambos os sujeitos não realizaram a descrição das personagens e do cenário, e referiam-se as personagens utilizando nomes genéricos como “monge”, “cachorro” e “ele”. Apenas o sujeito oralizado (S1) realizou o encadeamento dos fatos narrados, utilizando operadores narrativos como “então”, “dessa vez” e outros, sendo que S2 apresentou uma história truncada e sem fluidez. No entanto, ambos finalizaram a história com uma resolução, e somente S2 utilizou a coda (“fim”).

Ao compararmos as duas produções existem diferenças que se destacam, dentre elas estão a estruturação gramatical, ortografia e elaboração textual.

S2 utilizou a estrutura da Libras em sua produção, que é comumente composta por verbos no infinitivo, pouco uso de artigos, preposições e conectivos, e indicação do objeto antes do verbo (exemplo: “dança aprende”), enquanto S1 utilizou a estrutura do português. Também iniciou as frases com letras maiúsculas, utilizou pontuação adequada e espaçamento no início do parágrafo.

No entanto, a diferença que mais chamou a atenção foi o detalhamento, percebido pelo número de linhas das duas narrativas, sendo que a produção de S1 apresentou uma riqueza de detalhes enquanto que S2 apresentou a história de forma bem simplificada.

Durante a produção textual S2 solicitou auxílio da pesquisadora para explicação de alguns conceitos e para ajudar na ortografia de algumas palavras.

Acredita-se que essa diferença existente entre as duas narrativas é decorrente do fato de S1 ser oralizada, apresentar maior facilidade em ler por ter grande contato com materiais escritos em português, além de ter maior conhecimento quanto a vocabulário e estruturas sintáticas. Já S2, por usar mais a Libras, não tem tanta facilidade com o vocabulário e as estruturas formais do português escrito.

Conclusões

A partir da análise e discussão dos dados encontrados conclui-se que os sujeitos apresentam as características da narrativa interiorizadas mesmo que em níveis diferentes. E que as dificuldades encontradas pelos sujeitos surdos não são decorrentes da idade, escolaridade, ou uso da Libras, mas são consequências relacionadas à intimidade do sujeito com o português, principalmente em sua forma escrita.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao PIBIC/CNPq pela participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq. Assim como, gostaria de agradecer aos participantes da pesquisa e a minha orientadora Profa. Dra. Ivani Rodrigues Silva

¹ BRASIL. Decreto n.º 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*. Brasília, DF. 22 de dezembro de 2005.